CRISTIANISMO, BURGUEZIA E MASSAS

ORAÇÃO DE PARANINHO

DR. ALVARO FERREIRA COSTA

(Prof. de Direito Constitucional)

Narram os escritores uma lenda, corrente nas praias da Bretanha, de uma cidade misteriosa, que em época desconhecida, foi submersa pelo oceano. Nos dias de tempestade, as ondas que sobem e descem, levantadas pelo furor dos elementos, permitem ver-se os cumes das torres cinzentas das suas igrejas; nos dias de paz, ouve-se subir das profundezas dos abismos o badalar dos sinos, cantando hinos de louvor ao dia. Parece, diz o escritor, que no coração de todos nós existe uma cidade misteriosa onde os sinos tocam chamando obstinadamente aos officios sagrados fiéis que talvez não existam mais.

Em dias como este 8 de dezembro, em que tudo são festas para o nosso templo,, nós também ouvimos, subindo das profundezas do coração, o toque sagrado e os constantes apêlos da consciência nacional reclamando fiéis aos seus ritos e aos seus cultos. Então, debruçamo-nos comovidos sobre o passado e mergulhamos a alma no banho sagrado dos antigos ideais. Nessas profundidades, à rude e misteriosa convivência das raízes do trabalho jurídico, sentimos que o espirito retempera-se de novos ardores e vem, revigorado e purificado, atender ao apêlo daquela voz misteriosa que reclama de nossa parte um tributo de submissão e de fidelidade. Ouvindo e escutando as primeiras pulsações da vida jurídica, estremece o nosso íntimo na compreensão do trabalho gigantesco que os juristas do Brasil vêm realizando, integrando-se numa missão generosa, na qual também, hoje, vos ungis, entre festas e hosanas, e que se desdobra à vossa frente em amplos e rasgados horizontes.

A árvore jurídica brasileira é aquela semente plantada em 1827, em Pernambuco e S. Paulo, que se transformou su-

cessivamente em árvores maravilhosas, que dão sombra e guarda ao caminho do progresso nacional; nas suas fibras — corre a seiva vigorosa da alma brasileira e os seus frutos são os mesmos frutos da nossa cultura e da nossa liberdade.

Em 1827, quase completamente rôtas as relações de independência que nos prendia a Portugal, era necessário consolidar a obra encetada, pela criação de valores humanos aptos a dirigir a cousa pública. Assim, fundaram-se as primeiras Faculdades de Direito no Brasil, cujo destino assentava diretamente nas necessidades de consolidar a nossa independência política. Elas não fugiram aos imperativos da hora histórica: das Escolas de Direito não saíram apenas os profissionais da advocacia, do magistério e da magistratura; nossas Escolas de Direito forjaram as Escolas Literárias, as renovações filosóficas e as revoluções políticas; deram-nos a aptidão profissional, a aptidão científica e a aptidão política. Nossos filósofos, nossos sábios, nossos estadistas, os maiores dentre os maiores da existência nacional não são outros sinão os que forjaram seus caracteres nas academias jurídicas e daí saíram para a vida pública, plantando novas faculdades, ensinando as nossas liberdades, advogando, professando, julgando, administrando e governando.

Vêde a história do Brasil, que o bacharel, entre nós, foi tudo. Que fato mais eloquente pode expressar a extraordinária ação de jurista nacional que o de vê-lo, ao mesmo tempo, na atividade profissional, na cátedra, na tribuna popular, no jornalismo, na administração, em todos os setores, enfim, da vida, criando e disciplinando o progresso brasileiro ?

Aqueles que assistiram à nossa Independência, os que proclamaram a República, os que libertaram os escravos, os que ensinaram as liberdades públicas, os que lutaram as lides da imprensa e da praça pública e do fôro para realizar as melhores conquistas do povo; os mais bravos e os mais conscientes nas lutas e nas nossas reivindicações; os que consolidaram a

nossa grandeza territorial e garantiram a nossa unidade moral e política, são todos juristas e juristas os vamos encontrar na vanguarda de todos os grandes acontecimentos que fizeram estremecer de amor o coração da Pátria.

Não tem sido, no entanto, fácil de cumprir e isenta de perigos a obra nacional do jurista brasileiro. Não se lhe contam no acervo de benefícios à Nação os êxitos espetaculares; designado a empreender a suprema tarefa de garantir o desenvolvimento progressivo e pacífico da vida brasileira, suas vitórias são resultado de uma luta incessante e obscura, que só os olhos do espírito podem vêr. Seu trabalho não dá frutos imediatos; em compensação, dão-no permanentes e fecundos. O que edificam tem por si o selo da eternidade.

Nas horas difíceis da humanidade, quando o gênero humano se desmanda na exibição de fôrça material, e o culto ao vencedor não conhece limites, a legitimidade da glória e até os mais altos espíritos se inclinam a considerar as derrotas como um castigo de Deus, o jurista não abandona o seu pôsto sagrado e guarda acêso o facho que anima a juricidade das instituições. Nesta luta constante, em toda a história nacional o papel do jurista ainda é o que se traçou a si mesmo um gênio da raça: o de órgão do Direito contra a fôrça, da Verdade contra a mentira embrulhada no papel das leis; e assim suas vidas se consomem, sempre na luta, expôsto aos atritos, oferecido aos ódios e às incompreensões da ignorância ativa.

Tal foi a obra dos juristas. Agora, entra a sua missão a desdobrar-se em nossas almas para repetir através de obstáculos e obstáculos, entre lutas e lutas, incompreensões e incompreensões, a rota de uma visão magnífica, que em certa época da nossa história política um grande advogado desdobrou aos nossos olhos de criança tonta: é a rota da cultura como caminho da salvação nacional.

Nós temos o dever de rememorar no dia de hoje, antes de aventurar a rumos novos, o barco dos nossos destinos aqueles

heróis que edificaram o Direito brasileiro. Dêsse passado distante, que nos legou a nossa ordem jurídica é que nos chega o estímulo e a direção das nossas caminhadas. Sentimos o estremeamento de suas lutas, a irradiação dos seus espíritos, o calor dos seus corações generosos; e sabemos que êsse passado exige de nós o compromisso de lutar pela sobrevivência da civilização cristã que êle nos legou.

O mundo que encontrais e dentro do qual lutareis, é um mundo cheio de injustiças e de dores. Somos chegados a um fim de civilização. Os quadros jurídicos, em que os séculos desejaram conter a prodigiosa realidade, rompem-se por toda a parte. É necessário forjar novos moldes para neles guardar a estuante energia que ameaça desabar sôbre todas as cabeças. Encontrais dois exércitos bem dispostos à luta. É preciso decidir aonde ficareis. Vós sereis chamados segundo o vosso instinto, as vossas idéias, as vossas tendências, a lutar de um ou de outro lado. O clamor bate às nossas portas e muitos se julgarão felizes se não sobreviverem até que venha sobre o nosso mundo a catástrofe que se aproxima.

Primeiro vos defrontais com as tendências conservadoras de um estado de espírito que se vem desenvolvendo a alguns séculos e que chega agora ao momento exato de sua curva mais ampla. Conheceis, por certo, esta figura monstruosa de burguezismo que impregna profundamente os nossos hábitos de todos os dias, acompanha com uma sombra o nosso passo mais ligeiro, e ainda no que temos de mais íntimo — nossas adorações, nossas alegrias e nossos sofrimentos, — não nos deixa um só instante em paz. Inimigo invisível de todas as horas, podem considerar-se felizes os que o descobrem no seu íntimo ante de os combaterem nas insituições. Aqui ele compraz-se, em primeiro lugar, em cindir a unidade da vida dos homens em sociedade; atribui-se a si próprio o zêlo das riquezas e dos bens materiais da vida; relega uma parcela o cuidar dos deveres fundamentais do homem como cidadão e ser destinado ao so-

brenatural; e assim procedendo conduz a uma felicidade e a prosperidade fictícias que estão nas mãos de poucos. Sua ideologia — o liberalismo. Seu dogma — a propriedade absoluta. Sua constante — o abaixamento progressivo do nível moral e o encadeamento das crises econômicas. Por fim, eis completo o retrato do monstro — faz gerar de suas entranhas êsse contraste impressionante, que é um espetáculo de horrível tristeza a dominar o panorama dos nossos dias: são, de um lado, os milhões que tudo produzem e nada possuem, os criadores da riqueza realizada, e de outro, os que pouco fazem e que de tudo gozam, os detentores da riqueza adquirida. Então, a injustiça chama-se ordem pública; a licença veste-se da capa da liberdade; a opressão se apresenta como hierarquia; o formalismo se denomina de espírito das leis, e o burguezismo dissimula-se na hipocrisia, arremete e se espraia sôbre a superfície humana, estende as suas raízes por toda a parte e faz secar as fontes generosas da boa vontade. É a descrença e o despreço aos voleres morais da existência, o desonhecimento ou a negação das causas eternas. Por isso, o burguezismo é encontrado em toda a parte e não é a filosofia especial de nenhuma classe e de nenhum credo; instala-se indiferentemente na alma do potentado e do humilde, do rico e do pobre. E há humildes e pobres que o têm mais arraigado e mais profundo que muitos ricos e poderosos da terra em cujo coração não fez morada.

A visão burguesa do mundo e da vida desenvolveu-se em meio a constantes polêmicas com as idéias dos representantes da igreja cristã. No meio dessas lutas, forma-se entre os homens uma consciência coletiva, diferenciada e autônoma, frente às concepções da doutrina do cristianismo. Já no século XVIII o burguês adquire a convicção que a cada dia se firma de que a vida não se presta em seu aspecto social, e econômico, a ser interpretada e regulada pelos tradicionais princípios e valores religiosos. E da vida burguesa mesma, em estreita relação com o passado, e em constante oposição às

antigas formas de existência, surge uma nova maneira de sentir e de viver.

Quando se leem, diz GROETHUYSEN, as numerosas obras em que se discutiu a questão da legitimidade e limites do comércio, a burguezia ilustrada vai defrontar-se primeiro contra os padres da Igreja. A luta chega ao máximo. Trata-se apenas de uma questão econômica; mas na realidade, o que nela explode com uma violência eruptiva é o eterno contraste entre duas forças eternamente adversárias, entre dois mundos perpetuamente em oposição: um é o mundo do burguezismo, da ambição das riquezas; outro é o mundo do espírito, das preocupações de ordem sobrenatural.

A burguezia lança-se com fúria sobre os teólogos: vós outros, para quem não são motivos de preocupação as considerações de família e de descendencia; para quem se apresenta o ócio como um direito e o comércio como um vício; vós outros, a quem não toca nunca a miséria pública, e recebeis tudo da sociedade; vós outros, que ganhais o vosso sustento dormindo e vos limitais a receber e a gozar, sem dar em troca senão palavras; vós outros podeis dizer o que vos aprouver. Mas a Igreja pela voz de GUASQUET, não deixa sem resposta tais censuras. Aproveita a oportunidade e logo delimita os caminhos. Vós outros, diz a Igreja, que limitais a existência à vida dêste mundo e não vos importais com as cousas da vida eterna, querendo formar uma classe a parte no seio do Cristianismo; vós outros, para quem o comércio constitui um titulo jurídico para fazer o mal e que preferís ser devotos dessas manobras mercantís, fraudulentas e criminosas, sem cuidar da salvação de vossa alma; vós outros, que vos resguardais da miséria pública, enquanto milhões estão na miséria por vossa causa; vós outros, que devendo tudo ao povo, o oprimís todavia com monopolio e ardís fraudulentos; vós outros, que arais com arado, para colher aonde não haveis semeado; vós outros, que vos enriqueceis acordado ou dormindo, passando os dias sem

fazer cousa alguma e deixando aos demais o cuidado de alimentar-vos com o suor do seu rosto e com o seu sangue, vós outros podeis desejar o que quizerdes, mas não podereis realizá-lo impunemente.

Os tempos foram passando implacáveis e a burguezia tornou-se vitoriosa. O mundo viu-se privado da disciplina religiosa nas relações econômicas que passaram a ser reguladas segundo a livre iniciativa, sob o unico criterio dos resultados materiais que dela decorriam e sem nenhuma consideração pelos ideais superiores com que a Igreja desejava nortear a sociedade. Necker, que era o portavoz da attitude burgueza, proclamava em 1788: “Desde algum tempo só se ouve falar da necessidade de um Código novo, de um catecismo moral em que não se faça uso de alguns principios religiosos, meios antiquados que é necessário pôr de lado. Os sábios o esperam com ansiedade, os devotos se alarmam com a sua vinda.”

Nesse novo catecismo deveria encontrar sua expressão o pensamento de que os povos civilizados concordam nos pontos essenciais da Moral ainda que disputem acerca da religião. O burguês deu assentimento a essa idéia. “Afirma-se, dizia CARACCIOLI — e é opinião difundida, que existe, independente de toda religião, um certo amor à Justiça, que nos foi infundido pela natureza e que se mostra bastante forte para nos fazer honrados.”

Dêste modo, a burguezia esquivava-se de um código religioso; queria limitações menores que as que lhe impunha a disciplina eclesiastica; bastava-lhe um código de honradez, mas uma honradez muito discutivel, porque através dela se justificavam os trustes, os monopolios, os lucros fabulosos, as concentrações de capital, enquanto que, por outro lado, a opressão, a miséria e o empobrecimento foram a extremos de degradação. Na medida, pois, em que a Igreja perdia terreno no mundo das relações econômicas, a vitória burgueza se consolidava e com ela

a divisão econômica se acentuava, os ricos iam ficando cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

Repele-se sucessivamente a disciplina religiosa no mundo econômico, no mundo moral, no mundo social; a burguezia asenhoreia-se do Estado que absorve toda a vida política, educacional e familiar. A Igreja é empurrada para dentro dos claustros; dali apenas se ouvem as preces ao Todo Poderoso; mas o mundo fica abandonado à Satanás. Isto aconteceu para que se cumprisse a antiga profecia de que o Chefe da Igreja seria prisioneiro entre os prisioneiros e prisioneiro infelizmente o nosso Chefe é.

Meus Senhores :

Enquanto isto se passava, a burguezia foi notando que o novo regime não podia prescindir da religião; o código da moralidade burgueza não fazia a felicidade de todos, mas um pequeno número. Não será desnecessário repetir que o desenvolvimento desse estado de cousas corre dentro do rigor sociológico desta formula: enquanto a burguezia se consolida, a Igreja é empurrada para fora do mundo, encerrada nos muros dos clautros, e enquanto mais se separam Direito e Religião, Política e Religião, Economia e Religião, Família e Religião, — a miséria alcança um número cada vez maior de pessoas, as antigas virtudes se degeneram, as classes se dividem, os homens se separam, o nível moral abaixa, e o código da honradez burgueza transforma-se no código civil dos proprietarios, dos patrões e dos credores. Então, fez-se verdade comum esta afirmativa indecorosa, que tem, não obstante, o merito de pôr à mostra os perigos de um afastamento progressivo das idéias cristãs. "As pessoas do povo, opinam os representantes da burguezia ilustrada, não são honradas por natureza; em sua natureza social não entra a qualidade de gente honrada que é inata somente ao burguês. Êste pode viver sem religião e continuar sendo probo, cumprindo honestamente as suas obrigações".

Dividindo, como dividiu o mundo, em potentados e miseráveis, a burguezia parece que teve por missão histórica, a tarefa de dividir. Depois de saporar a ciência e a vida da religião e de justificá-la ativamente, realiza e justifica nova e contristadora cisão; aqui os pobres, ali os ricos. NECKER insiste com a maxima energia: "Nem mesmo nas organizações melhor ajustadas é possível evitar que uns gozem sem trabalho nem pena, e outros, mais numerosos, se vejam obrigados a buscar com o suor do seu rosto o miseravel pão de cada dia. Todas as condições que existiam primitivamente, prossegue, alteraram-se de modo completo, e essas modificações se consolidaram. Levantou-se, com o tempo, um edificio monstruoso; as suas desarmonias são tão flagrantes, que se necessita mais que nunca, da idéia de um Deus, para unificar essa confusa acumulação de elementos. Em nossos velhos Estados europeus, em que o aumento das riquezas, fez crescer constantemente as diferenças de fortuna e as distancias entre as classes; em nossas coletividades politicas em que se apertam os perfumes e os suores, em que se entremeiam o resplendor e a miséria, nessas coletividades é preciso uma moral robustecida pela Religião para controlar esses numerosos espectadores que têm ante os olhos o que chama de felicidade sem poderem todavia jamais aspirar a ela."

A burguezia dos nossos tempos, portanto, acabou reconhecendo o valor social da Igreja. Mas essa atitude representa exclusivamente um expediente para que não sintam demasiado os desafortunados o seu infortunio e para impedir aos homens de se rebelarem contra a ordem social existente. É o que RIVAROL puzera em destaque contra NECKER: "Si é verdade que o meu criado não me assassina na espessidão dos borques, simplesmente porque tem mêdo ao Inferno, não serei eu quem o vá tirar dos seus temores; já que não posso fazer dele um homem honrado, farei dele um homem piedoso".

O burguezismo, que desprezara a moral religiosa, vem

agora aviltá-la. Quer fazer dela um instrumento de dominação. Mais uma vez, revela-se o burguezismo, em toda a sua hediondez. É uma atitude prática, que subordina o espírito à materialidade. A mesma doutrina que ele rejeitara essa mesma doutrina parece-lhe conveniente para a grande massa do povo. Que os pobres não desejem bens econômicos, que os infortunados vivam no infortunio; aos ricos, a riqueza terrena, aos pobres, a glória dos céus.

Nada mais contrário, entretanto, à letra e ao espírito da Igreja. Nenhuma doutrina é mais igualitária do que o Cristianismo. As suas maximas estão repletas desse ensinamento. Para as divergencias morais, as diferenças economicas, as distancias sociais, que são desigualdades proprias à natureza fisica do homem, a Igreja acorre, pressurosa, com o corretivo generoso da humildade, de caridade e do perdão. Seu homem não é o burguês. É antes o homem do povo; mas não é o rico de bens o seu enteado, nem o pobre de riquezas o seu filho dileto; o que ela ama e quer, e traz nos profundos refolhos do seu coração, ungindo-o da mistica felicidade, é o pobre de espírito, o que não deseja as glorias vãs e não quer dominar os outros, o que não ambiciona as riquezas materiais para não empobrecer o povo.

A Igreja tinha chorado lagrimas de sangue na sua luta contra o novo homem, o homem emancipado, mas advertira-o de que a concentração da riqueza lançaria o povo na miseria e que a sua ambição ilimitada de bens não se realizaria sem pena. Vós podeis, ó burguezes, desejar o que quizerdes, mas não podereis realizá-lo impunemente. Um dia, a advertencia cumpriu-se.

Alongando o vosso olhar sobre o campo social do Brasil e do Mundo, bem podeis ver que ao longe os horizontes se curvam e uma vaga enorme se levanta. Que será? Treme o edificio da burguezia, a civilização do novo homem agoniza. É a revolução dos oprimidos, a nova rebelião das massas. O rio

caudaloso da revolução burgueza chega ao seu termo, vai encontrar a sua ultima etapa.

A burguezia caminhara, sem religião e sem Deus, e agora o seu mundo não encontra apoio. O proletariado que ela gerou em suas entranhas seguiu o seu exemplo; mirou-se nos seus triunfos, insuflou-se do seu espirito, quer a posse dos bens materiais da existencia. Já gozastes, burguezes, por muito tempo, das riquezas que nós criámos. Por muito tempo fomos consolados e contidos pela generosidade dos preceitos religiosos, à espera de que vós vos convertesseis. Mas não. Chegou a hora do vosso maior triunfo. Vossa filosofia nos conquistou, agora é tambem a nossa. Tivestes o vosso código de honra e com ele nos deshonorastes. Fizestes o vosso código de leis, e com ele nos oprimistes. Pois bem: agora faremos o nosso código de honra e as nossas leis para vos oprimir e vos deshonar. Não dizem as vossas constituições que soberano é o povo? Nós somos o povo. Não pertence o Governo à maioria? Não somos essa maioria. A Religião não tem nada a ver com a economia, com a politica, com o direito, com a educação? Pois bem: temo-lo nós. É, segundo os vossos principios, que exigimos o poder. Não deveis recusar-nos.

Assim fala, pela voz dos seus líderes, a doutrina revolucionária do comunismo; proletarios de todos os países, uni-vos. O mundo é vosso. A burguezia não pode refutá-la. São os seus principios que assumem o seu maior desenvolvimento. O burguezismo não morre nem se transforma substancialmente; prossegue a sua marcha, transfunde-se com todas as suas características, no marxismo e na ação prática do comunismo. O burguezismo muda de fisionomia, não de espirito. Agravam-se os erros do mundo, não se os corrigem. Mudam-se os personagens, mas o cenario e a peça são necessariamente os mesmos.

Diante da nova onda, ninguem, a não ser a Igreja, tem idoneidade para combater. Nenhum principio pode ser legitimamente invocado que não seja o espirito cristão. Nenhuma

força pode enfrentá-lo, que não seja em nome do Cristianismo. Não admira, portanto, que burguezes e comunistas, se confraternizem na praça pública, que os chefes dos partidos políticos burguezes vivam de braços dados com os chefes comunistas nos prélios eleitorais. O espetáculo é de hoje; é ainda muito vivo e jamais deveis esquecê-lo, quando tiver de ser feito um novo ajuste de contas.

É no seio da sociedade aburguezada que o comunismo encontra a sua verdadeira seara; aí onde se abastece da sua experiência social; é nesse exemplo de êxito material que ele se abebeira. É, pois, de justiça reconhecer que o bolchevismo é a digna continuação, a herança viva da burguezia, a qual se quer substituir. Esta ultima degenerou sempre no anti-deísmo e aí acaba. E onde ele acaba, aí começa o comunismo. Aquele é o mal do passado e é o mal do presente. Este ultimo, o mal do presente e o mal do futuro.

O homem burguez, comunista ou não, vive obsecado por uma preocupação dominadora. Olhemos a vida internacional: no trato dos problemas da paz, seu objetivo é reduzir o mais possível o poder dos povos vizinhos, criando, para os seus proprios países, o clima mais favoravel ao desenvolvimento da sua influencia politica e economica; nenhuma consideração de ordem moral. Não podem os construtores de um mundo melhor — de que tanto falam, notar que estão colocando no seio de sua obra, o germe de sua destruição mesma. É que, por singular ironia da vida, os homens que fizeram a guerra, são os mesmos que desejam organizar a paz. Vem com eles o mesmo espirito ainda sedento de riquezas, ainda ambicioso de poder. Mas esta face, que parece natural a tantos, trai a existencia de um perigo mais profundo que está acima dos homens, mas o submete ao seu imperio — tal é o primado da materialidade erigida aqui e ali como a causa viva de todos os acontecimentos sociais do mundo.

Vimos as nascenças desse estado de espirito, que caracteriza mesmo o burguezismo; ele traduz-se pela formula da liber-

dade de iniciativa na vida econômica e social; os homens libertam-se da influência da universalidade cristã. Essa libertação, inconsciente a principio, afirma-se paulatinamente até assumir a forma deliberada, ostensiva e aberta da negação marxista. De tal modo, podemos afirmar que os marxistas não são, nem mais, nem menos, que os continuadores do sistema burguez da vida. Este é um regime que nasce, vive e floresce, em virtude de um espirito anti-deista; os marxistas e comunistas, tomam conhecimento desse fato e não somente o aceitam como também proclamam as suas excelencias. Seu erro é tomar o que caracteriza o homem burguez pelo que caracteriza o homem; a burguezia pela humanidade; aceitam como ser o que é apenas uma forma de ser; divinizam o transitorio, julgando-o permanente; libertam-se de Deus, para escravizar-se à impiedade das cousas; em suma, afirmam o primado de materialidade e passam a desconhecer, a desprezar e a hostilizar a idéia do primado do espirital.

Supomos ter deixado bem claro, do ponto de vista religioso, que a inconsciencia anti-deista da burguezia não difere essencialmente do anti-deismo dos marxistas. Um e outro, levam para a vida o que está implicito na sua filosofia; como tem sua fé revoltada para a poder das riquezas a elas é que procuram e os que oficializam o ressentimento contra Deus não acharão obstaculo em exercer vingança contra os vencidos. Os que se libertam da regra religiosa e se escravizam à indisciplina das cousas, não temerão de escravizar os outros ao Estado. Os que acreditam no poder das riquezas, não hesitarão assenhorar-se delas para exercer dominio sobre os outros. Os que não conhecem aquele que a todos nos une o desprezam, ou hostilizam, e creem somente nas riquezas que separam, não hesitarão em estabelecer a ditadura economica de uma classe ou a ditadura politica de um partido.

Este anti-deismo deliberado do marxismo representa, de tal modo, a conclusão necessaria da irreligiosidade burgueza.

Tambem logicamente. as consequencias praticas do socialismo são as mesmas a que a visão burgueza do universo tinha conduzido o mundo. Porém, o marxismo acentua os resultados funestos do antigo regime, levando-os ao paroxismo. Dissemos atrás, que a missão histórica da burguezia, no mundo, parecia ser a de dividir e a de separar. Acentuámos a cisão profunda que se estabeleceu entre a ciência e a vida, de um lado, e a Religião, de outro, de modo que esse estado de espirito veio afinal a realizar o espetaculo doloroso de um mundo dividido em duas classes, que uma imensa distancia social separa.

O comunismo vai aceitar este resultado; aceitá-lo e aprofundá-lo; e a separação entre a Igreja e a Vida foi o termo final da evolução da burguezia — é para o comunismo o seu ponto de partida. A missão daquela foi a de separar pobres e ricos; a do comunismo será a de lançar uns contra os outros; o empregado contra o patrão; o cultivador contra o proprietario da terra; o individuo contra a familia; o cidadão contra o Estado; o mundo contra a Igreja.

É a separação acentuada até os seus ultimos termos. O Estado se transforma, não em protetor das liberdades contra a mashorca, mas um instrumento de opressão de classes. O Cristianismo dera ao poder uma origem divina, com bases religiosas e morais, não para fazer do Principe o intocavel, o sagrado, o soberano, mas para impor-lhe deveres para com o povo. Si o poder se origina de Deus, em nome dos principios religiosos da moralidade e do perdão, da caridade e da justiça, é que ele deve ser exercido. O Estado é todo poderoso para realizar o bem, forte, mas para proteger os débeis, justo, mas para castigar os máus; bom, para abrir-se, acolhedor, aos desgraçados, aos oprimidos e aos desesperados. O Principe devia ser o pai da humanidade; não tem direitos, mas deveres. Não pode usar de suas armas, como dignidade ou honra, mas como instrumento da realização de seus fins, sob a supervisão do espiritual, porque a Igreja sabe que se o Cristo ordena: não matarás,

— sua ordem tem mais força que todos os códigos do mundo. Não precisa de interpretes nem de comentadores e o homem, investido de uma autoridade que lhe vem de Deus, é mais responsável dos seus deveres, que o estadista jungido às constituições.

A burguezia, entretanto, aviltara o Estado e o comunismo leva esse aviltamento à sua maior culminância; o poder não está a serviço de fins morais, mas de interesses econômicos. É a afirmação explícita do primado da materia; é o materialismo transformado em dogma, imposto às diretrizes supremas da vida nacional.

Havia, outrora, a crença, em que se immortalizaram tantos pensadores, da continuidade do progresso jurídico e de que o Direito, luz e gloria do mundo moral, realizaria só por si a Justiça a extenderia a cada momento o seu manto protetor a uma humanidade cada vez mais feliz.

As promessas do liberalismo tinham falhado, mas a filosofia politica continuava a acenar para todos uma liberdade e prosperidade proximas. Todavia, o tempo, atroz e impassivel devorador dos sonhos e das idades, das ilusões e das dores do mundo, ensinou o que havia de falso em tais prometimentos. Envez da paz, o mundo justificado pelo burguezismo, só nos dá o aspecto aterrador das guerras; e ainda não se passaram duas décadas deste século e a humanidade precipitou-se por duas vezes em abismos de sangue, suor e lagrimas. A crença na paz pelo direito se fizeram à imagem das idéias politicas do burguezismo. Os séculos da liberdade, que fizeram as grandes revoluções do individualismo, desarmaram a vida das peias religiosas e lançaram o homem livre no deserto moral das sociedades: o homem, fraco entre os fortes, e o Estado sujeito ao poder do primeiro aventureiro que desejasse lançar mão dele. Tal é o resultado social que a tragedia da burguezia nos levou. Por toda a parte o direito consistia na indisfarçavel proteção aos proprietarios, aos patrões, e aos credores. O liberalismo foi

o inspirador, por excelencia, das classes favorecidas; amantes da liberdade, estas a tiveram e amaram, como os gregos amaram e desejaram a república da Cidade antiga — liberdade e república de que só participavam uns poucos, favorecidos pela munificencia dos deuses; glorificou-se o direito, porque a lei que impunha consolidava o poder economico e mantinha povos e individuos em rígida separação de classe e de fortuna; por tudo isso, pregou-se a excelencia do direito civil e acreditou-se que com ele, a prosperidade e a paz reinariam sobre o mundo.

Mas a sociologia politica revelou as transformações que ainda sucederam. Não sei que diabolicas fontes subterraneas alimentam as raízes desde burguezismo e de que forma esse monstro multiplica as suas cabeças e os seus tentaculos. O certo é que os dias presentes os surpreenderam em todo o vigor do seu desenvolvimento. Já agora não basta falar-se ou escrever-se na linguagem socialista de ricos e pobres: no mundo que temos em frente, só ha lugar para nações civilizadoras e as nações empobrecidas. As que detêm as somas dos recursos que a humanidade inteira criou e as que nada ou quase nada possuem. As nações se substituíram aos individuos, naufragados no imenso turbilhão de uma sociedade sem Deus, e o capitalismo se fez imperialismo.

Nessa luta entre continentes, duas atitudes se defrontam, os dois polos do burguezismo se opõem; uns porfiam em nome do principio irreligioso da burguezia; outros porfiam em virtude do principio anti-religioso do comunismo totalitario. Então, a ação politica do comunismo se canaliza através dos amplos canais que a irreligiosidade cavou no meio das massas. Em todas as nações do mundo, o imperialismo sovietico faz seu certo partido nacional, vai direito ao coração das nacionalidades, contrapondo-se aos restos de Cristianismo que ainda impregnam a sensibilidade dos povos. Timidamente, a principio, depois de maneira aberta e ostensiva, os lideres nacionais da ação bolchevista declaram publicamente os seus propositos

anti-nacionalistas. As nações descristianizadas não têm meios de resistir à desagregação; a burguezia apodrece no ultimo gozo e conhecendo o seu ocaso, abandona aos poucos a direção da vida e lança a malta desfreada dos restos do seu tragico festim. Que fazer? É chegada de novo a hora dos cristãos. É tempo de não se procurar mais a santidade unicamente no deserto ou guardar somente no caustro da vida interior e das virtudes privadas o heroismo que se deve dispensar ao mundo. É tempo de a Igreja pôr de novo as mãos sobre a cidade terrestre, tomar o lema e a direção da triste nau do mundo, receber os destroços que a burguezia legou a essas gerações atormentadas, pôr mãos à obra na tarefa por que tem batalhado ha séculos.

Si esta cruzada generosa provocar o ódio dos adversarios, envez de convertê-los à nossa causa, que venha sobre nós a diluvio.

Não será de mais que assim aconteça, porque muito é o que no meio de tantos males, recebemos dos primeiros cristãos, que se martirizaram e se sacrificaram em nosso proveito. Não será de mais que nos antecipemos a maiores dores à geração dos nossos filhos, que soframos, em vez deles, todo o mal que por nossa culpa lhes estaria reservado. Paguemos às gerações futuras e nossa divida às gerações que nos antecederam na cristandade. Nossos filhos por nós esperam; esperam por nós os nossos antepassados.

Bacharelados :

Haveis certamente de estranhar que em troca da vossa generosa escolha vos tenha eu dado ingratamente, em vez de uma descrição panoramica à altura de vossas alegrias, um tão feio retrato das angustias do nosso tempo e vos oferecido, em vez de um caminho cheio de esperanças, acenado com uma posição difficil que unicamente aos herois é dado percorrer. Achei-me, porém, entre ser grato às vossas vaidades, estimulando-as,

e dizer-vos a verdade que hei sentido, em 12 anos de experiencia na advocacia e no ensino. Faz esse tempo, com efeito, que nesse mesmo local e a essas mesmas horas servi de interprete a uma geração como a vossa, que nutria as mais lindas esperanças e foi lançada a um mundo, em que o direito e a justiça não se conquistam sem sacrificios, nem os ideais que tanto amamos estão ao alcance.

Releio, ainda agora, o que pensei àquele dia: não fujo das antigas aspirações, não desesperei dos antigos sonhos, mas é com certo desalento que estimo a pequenez da nossa existencia. Sinto agora que o trabalho de recomposição da sociedade tem que ser obra das gerações. Dentro delas o individuo se apouca até o quasi nada, e dêle resta uma tenue mas viva luz que não pode morrer nunca. Ajuntai os vossos esforços aos que encetaram a caminhada antes de vós. Não vos direi portanto, como os vossos antigos mestres que em solenidades como esta terminaram dizendo: Ide, sêde felizes, que o que vos posso dizer é somente isto: vinde, sêde bravos, justos e fortes.